

Relógios de Luxo – Tradição e Tecnologia na Disputa Pelos Pulsos Mais Cobiçados

Grande parte dos indivíduos que hoje têm menos de vinte anos jamais usou um relógio em seu pulso. Acostumados a verificar as horas (e muito mais) em seus *smartphones*, esses consumidores ignoram solenemente a indústria relojoeira.

Tal constatação vinha levando a previsões que proclamavam o fim dos relógios de pulso e, conseqüentemente, das verdadeiras joias da alta relojoaria suíça.

Além do desinteresse dos mais jovens pelos relógios tradicionais, surgiram os *smartwatches*, como o Apple Watch, que vem revolucionando os pulsos e o mercado, ao oferecer tecnologia digital de ponta, conectividade e *design* impecável. Personalizável, ele permite escolher o *layout* do mostrador e informações a serem exibidas, pode monitorar batimentos cardíacos e comunicar-se com o iPhone do usuário, enviar dados, fazer pesquisas, ver fotos, além de acessar redes sociais.

Charmes bem diversos dos que se busca num relógio suíço tradicional, porém incluindo caixas em ouro 18 quilates em certos modelos e pulseiras da francesa Hermès em outros, o que certamente atrairá muitos novos consumidores.

Seria o fim da alta relojoaria?

Em primeiro lugar, é necessário entender melhor o que ela representa, lembrando conceitos que envolvem os produtos de luxo e que os afastam do raciocínio puramente utilitarista. Nesse universo, não é a função que determina o valor de um objeto. Caso fosse, o que justificaria a compra de um modelo cujo preço pode chegar a oito dígitos, se as horas podem ser conferidas com precisão similar num exemplar de R\$ 100,00? O mesmo vale para canetas, para bolsas e outros tantos itens de luxo que exercem alguma utilidade funcional.

O valor de um objeto de luxo deriva muito mais daquilo que o consumidor obtém dele do que daquilo que o fabricante nele inclui. É resultado de inúmeros componentes subjetivos, num *mix* que pode incluir satisfação pessoal, desejo de pertencimento social, de distinção, de *status*. Em suma, seu valor vem especialmente dos sentimentos que ele desperta.

Numa peça de alta relojoaria, conta o prazer de apreciar e entender a riqueza dos mecanismos, a arte da precisão e da minúcia, a beleza das formas, a elaboração por mãos humanas, o desejo de compartilhar informações com outros amantes do assunto. Trata-se da relojoaria-arte, um mundo para apaixonados, conhecedores e colecionadores, cujo entendimento nasce e cresce com o passar dos anos.

Nela desfilam indicadores de fases lunares, de signos do zodíaco, mecanismos sofisticadíssimos expostos sob fundos de safira transparente, cronógrafos, *flybacks*, *tourbillons* atenuadores da pressão atmosférica, calendários perpétuos..., tudo arrematado por *designs* primorosos e elaborado por artesãos, individualmente, ao longo de muitos meses. Tecnologia? Sim, da mais alta. Embora de um tipo muito diverso das que observamos no mundo digital.

Porém, em paralelo a constantes inovações com charme mais tradicional, a indústria suíça começa a fazer concessões a tecnologias digitais. A mais que centenária Bulgari, já tem, desde 2015, o seu Diagono Magnesium. Considerado o primeiro relógio mecânico de luxo interativo, o modelo, de tecnologia inteiramente suíça, armazena dados confidenciais utilizando criptografia, o que permite ao usuário efetuar pagamentos bancários seguros, ativar sistemas de alarme ou desbloquear fechaduras eletrônicas. Segundo afirmou Jean-Christophe Babin, CEO da marca, na época do lançamento, a ideia é "conciliar relojoaria suíça mecânica com conectividade inteligente". Nada de excessos tecnológicos de rápida

obsolescência que, de fato, não combinariam com uma peça de luxo genuíno, de alto valor e que se propõe atemporal.

Tag Heuer também já lançou seu Connected, que funciona com sistema Android. Há também grifes de vestuário investindo nos *smartwatches*, porém com abordagem muito diversa daquela adotada pelas tradicionais marcas suíças.

Desenha-se assim um novo momento para a relojoaria. Nele, de um lado o luxo tradicional se rende a algumas facilidades do mundo digital, mantendo sua afinidade com a arte; e, de outro, a tecnologia digital se rende a alguns charmes próprios da relojoaria tradicional.

Cada um à sua maneira, ambos trazem consigo aspectos subjetivos do consumo de luxo: beleza, alto valor, exclusividade, qualidade e uma boa dose de *status*. E talvez a mistura contribua para criar nos consumidores mais jovens o hábito dos instrumentos de pulso.

Haverá espaço, assim, para as duas opções entre os apreciadores de informação e estilo no segmento: o luxo com toque tradicional dos ponteiros, rubis e engrenagens criados artesanalmente e uma pitada de tecnologia digital e o luxo da tecnologia de ponta e *design* avançadíssimo com toques preciosos.

A escolha não é excludente: todos temos nossos diferentes momentos. De calma e de urgência, de rock e de música erudita, de jeans e de *black tie*.

Os pulsos mais cobiçados do mercado estarão bem atendidos!